

Mo. J. H. de S. (Manoel Joaquim
Henriques de Paiva)

DA FEBRE

E

DA SUA CURAÇÃO
EM GERAL, ¹

OU

NOVO E SEGURO METHODO

De curar facilmente, por meio dos acidos
mineraes, todas as especies de Febre;

PELO

DOCTOR GOTOFREDO
CHRESTIANO REICH,

Traduzido do Alemão em Francez

PELO

DOCTOR MARC,

Tirado em linguagem, e ampliado com anno-
tações

POR

M. J. H. DE P.

B A H I A :

NA Typ. DE MANOEL ANTONIO DA SILVA
SERVA.

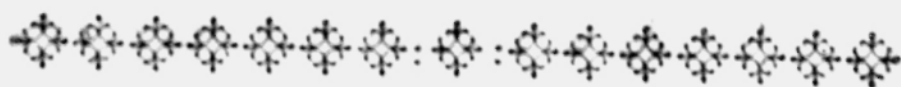
ANNO 1813.

Com as licenças necessarias.

*He entre applausos que se começam a usar
os remedios ; o tempo e a experiencia aperfei-
çoam depois suas vantagens , assim como vão
mostrando seus inconvenientes.*

Paiva, filho, Compendio das enfermi-
dades venereas.





AOS LEITORES

D. F.

M. J. H. DE P.

HAvendo o doutor *Reich* asseverado, que descobrira hum methodo seguro de sanear facilmente todas as especies de febre, e que o guardava em segredo, hum dos seus amigos fallou nelle ao Barão de *Hardenberg*, ministro do Rei de Prussia, e este o participou ao Rei, o qual immediatamente lhe ordenou que chamasse a Berlim o doutor *Reich* para fazer as experiencias do seu secreto methodo curativo, sob a vigilancia e presidencia do Real Collegio de Medicina.

A 2

Sen-

Sendo a resulta das suas experiencias curas estupendissimas, o mesmo Rei reconhecendo a utilidade, que podia provir deste descobrimento, comprou o segredo ao inventor com a clausula de o manifestar com todas as explicações necessarias para por-se em pratica; o que com effeito cumprio na presente memoria, a qual he o summario fiel da nova doutrina das febres, e da sua curação em geral.

Doze e mais annos ha que esta memoria foi publicada de ordem do mesmo Rei pelo Real Collegio de Medicina de Berlin, a qual traduzida depois da lingua-gem Alemã na Franceza, pelo doutor Marc, publicou-se no quarto tomo das *Memorias da Sociedade medica da emulação de Paris*, donde eu a tirei em lingua-gem Portuguez, que agora offe-
re-

reço ao público com algumas anotações.

Prescindindo eu de avaliar o merecimento desta memoria, sómente digo que comprehende duas partes, huma theorica ou a exposição systematica, a qual parecerá escura, e extravagante áquelles, que ignoram a Quimica moderna; e outra practica ou experimental, firmada em alguns feitos, remetendo-se o seu autor ás explicações mais amplas, e á Historia das enfermidades, que, segundo o seu methodo, curou, a outra obra, que publicou, e imprimio em *Nuremberg* no anno de 1800, com o titulo de *Casos das enfermidades*.

„ Não procurarei aqui, diz
„ *Reich* §. LXXXI, de captivar
„ a opinião dos medicos; eu lhes
„ tenho exposto as razões, que me
„ obrigaram a olhar as febres sob
hum

„ hum novo ponto de vista ; a el-
„ les toca discutir estas razões,
„ e ver se a experiencia as con-
„ firma. „ Nenhum medico pru-
dente, e que tenha lido alguma
cousa se intrometterá na discussão
da sua theoria, certo que esta de-
ve estribar na verdadeira experi-
encia, e que o uso dos acidos mi-
neraes nas febres, e noutras mui-
tas enfermidades, he antiquissimo,
e tão geral que até os medicos ex-
pectadores nominaes reconhecem
as suas virtudes, postoque as ta-
xem.

E porém, para desfazer essa
taxa, era minha tenção que esta
memoria saísse á luz, acompanha-
da de hum summario chronologi-
co do uso, que os medicos tem fei-
to dos acidos mineraes, quer mis-
turados com agua, quer com o al-
cohol, e com as substancias aroma-
ticas, nas diversas enfermidades
do

do corpo humano; mas, além de
me tolher aquella minha tenção o
quebrantamento das forças por
achagues continuados, faltam-me
os livros necessarios, que, em ra-
zão das minhas adversas circum-
stancias, não posso haver. Virá
tempo em que satisfazer possa os
meus ardentes desejos, e então
darei mais huma prova de que a
minha terra amei e a minha gen-
te. Bahia 8 de Fevereiro de 1813.

DA-

of girls : 100 : 100

100 : 100 : 100
100 : 100 : 100
100 : 100 : 100

1



DA FEBRE

E

DA SUA CURAÇÃO EM GERAL.

§. I.

Examinando-se accuradamente as diversas funções do corpo humano, se respeitarão necessariamente como a resulta de *combinações químicas*, combinações, que modificam incessantemente a matéria organica.

§. II.

Para que estas combinações (§. I.) se effeituem, cumpre necessariamente admittir a existencia-

cia de muitos principios de natureza opposta, cuja acção reciproca de huns sobre outros seja perennal.

§. III.

Pertencendo pois as referidas combinações (§. I.) a huma Quimica, que poderia chamar-se *vital*, claro está que ellas forçosamente hão de ser mui varias; com effeito deve contar-se entre os elementos destas combinações a *assimilação* das materias hêterogêneas, a sua separação ou secreção, as differentes proporções das mesmas materias, olhadas respectivamente á qualidade e á quantidade: em fim, a differença dos mesmos órgãos, em que estas mudanças se effectuam.

Des-

§. IV.

Deste continuo movimento produzido pela reciproca acção dos principios oppostos (§. II.), resulta a *vida como phenomeno sensivel*, por tal que poderia definir-se por *humã inclinação continua das materias heterogêneas para a homogeneidade*, isto he, para a *assimilação* na substancia organica, que compõe o corpo vivente. Renovando-se todavia de continuo esta substancia pela materia que lhe subministram incessantemente as substancias alimentosas, e nutritivas, nunca póde effectuar-se a mudança em materia organica *constante*. Este circulo ou movimento perpetuo necessita das forças ou dos principios oppostos (§ II.), os quaes não podem conceber-se sem a existencia de outra materia organica.

ni-

nica *primitiva*, donde coneguintemente corre que as forças pertencem essencialmente á materia. Passando dahi á applicação deste principio, diremos que as forças organicas, e os corpos organicos são identicos, e significam unica e absolutamente a mesma coisa, por quanto he impossivel de entender a sua existencia illhada; quando pois se diz que as forças organicas constituem a organização, quer dizer, que a organização he constituida por si mesma. Sendo as faculdades organicas a resulta de combinações quimicas, a organização que he tambem a resulta daquellas, será hum producto quimico, e igualmente todo e qualquer effeito da organização, a saber, a força ou poder vital, a incitabilidade, a sensibilidade, a irritabilidade, a força productiva;
em

em summa tudo quanto póde reputar-se por causa, seja qual for o nome que a estes effeitos se dê.

§. V.

A *base da vida* estriba por tanto na materia organizada, a qual passa a ser *organisante*, de sorte que a vida resulta como *fenomeno* do encadeamento da organização. Não se deve contudo confundir a base da vida organica com a primeira origem e fonte de toda a vitalidade; aquella demonstra-se por hum argumento de analogia de semelhança, tirado da experiencia, em huma palavra pelos effeitos, ao mesmo tempo que a segunda escapando á observação, não temos nenhuns dados ácerca da sua natureza, e uni-

unicamente podemos fazer algumas conjecturas arriscadas.

§. VI.

Sendo as forças existentes no corpo humano a resulta de combinações químicas (§. IV.), os effeitos destas forças serão também productos semelhantes; assique deve-se olhar os fluidos e suas mudanças ou alterações, dependentes da mesma lei; e como os solidos podem por ultima analyse ou decomposição, reduzir-se a os fluidos de que são compostos, esta lei lhes he igualmente applicavel. Entendendo eu aqui a palavra *fluido* no sentido mais amplo, comprehendendo os fluidos liquidos, ou fluidos aeriformes ou em fórma de ar, e todos os fluidos conhecidos com o nome de *magneto-*

gnético, de galvanico, de electrico, &c. Pela palavra *quimica* entendo não só as combinações das moléculas da materia *inorganica* ou sem organisamento, mas também as que se fazem entre as substancias elementares, de cujo concurso procede a materia organica.

§. VII.

Corre directamente dos principios expostos, que todas as mudanças e modificações, que no corpo humano pôde haver, procedem das combinações quimicas das suas substancias elementares *constitutivas*; que a influencia destas combinações resurte ás forças intellectuaes, as quaes influem também nellas; visto que na organização nada existe ilhado, mas tudo he reciproco e encadeado. Não
sen-

sendo este o lugar de provar a dita reacção das forças intellectuaes, contento-me de indicar aos observadores os phenomenos do galvanismo, cuja contemplação me guiou a estabelecello por principios.

§. VIII.

O corpo humano, que segundo o progresso geral da natureza, está exposto á influencia das forças quimicas, cuja acção consiste em reduzir as moléculas integrantes á homogéneidade, não poderia existir nem conservar-se *in statu quo* se a esta inclinação não se opposesse outra directamente opposta, isto he, huma inclinação para a heterogéneidade: em quanto se conservar o equilibrio entre estes dous effeitos oppostos, o corpo humano permanecerá no mes-

mesmíssimo, estado isto he, vivirá; logo que o equilibrio se romper, ou ceder á inclinação das forças quimicas para a homogeneidade, no mesmo instante se quebrantarão as leis da quimica vital, obedecendo elle á fysica ou quimica dos corpos *inorganicos* ou sem organisamento, em huma palavra cessará de viver.

§. IX.

Devemos por tanto reputar todas as operações da quimica vital por outros tantos phenomenos, pelos quaes o corpo humano manifesta a sua *vitalidade*: estas operações, estes phenomenos são essencialmente distinctos daquelles, que a quimica dos corpos *inorganicos* offerece. Ambas as quimicas comprehendem as mesmas leis de af-

B

fi-

finidades electivas (1), mas a primeira differe da segunda em ser o *corpo animal* o seu centro, e em admittir por condição essencial a variedade dos principios, quando a quimica physica abrangendo a natureza inteira, reconduz tudo á unidade.

§. X.

As importantissimas operações da quimica vital, são a *respiração* e a *nutrição*; a total cessação de huma ou de outra, produz a morte.

§. XI.

A respiração he a funcção mais essencial do corpo humano; todas as outras lhe são subordinadas e como secundarias.

He

§. XII.

He por meio da respiração que o corpo humano decompõe o ar atmosférico, e que tira delle o *oxygeneo*, indispensavel á vida. Quer o *oxygeneo* entre pelos bofes ou pela pelle, quer obre immediatamente sobre o sangue, ou sirva unicamente para a combinação mais intima dos diversos fluidos, depositados pelo sangue nas diferentes partes do corpo, são questões estas, a meu entender, indifferentes, e só devemos aqui occupar-nos da acção do *oxygeneo*, cuja necessidade está bem provada!

§. XIII.

O *oxygeneo* não he a única parte constitutiva do ar atmos-

ferico , o azoto he igualmente outra , não contando huma pequena quantidade de gaz acido carbonico , que , a meu ver , não se deve reputar por parte essencial do ar atmosferico (2) .

§. XIV.

A quarta substancia •, que serve para a combinação das precedentes (§. XIII.) , e •as re-
tém em fôrma de gaz , he o *calórico* de cuja *existencia* se duvidou ultimamente com o fundamento de não ser possível apresentallo *ilhado* : com o mesmo fundamento se duvidaria da existencia de todas as substancias simples , as quaes conhecemos sómente pelos seus phenomenos , taes como as materias electrica , magnetica , galvanica , &c. He bem
ver-

verdade , que ignoramos a sua *essencia* , e a ignoraremos sempre , do mesmo modo que a do *calórico* , do qual não percebemos a sua *existencia* senão no momento da combinação com outro corpo opposto. Todo phenomeno he já por conseguinte o producto de dois principios oppostos. Cada hum destes principios simples acha-se extinto no phenomeno , e identificado no producto ; por isso não pôde perceber-se illadamente ; mas pôde-se estar certo na sua existencia quando o dito producto pôde ser analysado ou decomposto , e os principios achados nelle pela analyse ou decomposição , nunca se obtém illados na sua combinação com outros corpos. A esta quarta substancia , que retém , e conserva as outras no estado aeriforme

ou

ou em forma de ar , e que he a causa do phenomeno *calor* , damos o nome de *calórico* ; usamos deste nome , assim como daquelles de *oxygeneo* , de *azoto* , de *carbonio* , de *materia electrica* , &c. para nomear as substancias simples , ou que até ao presente não se poderam ainda analysar ou decompôr.

§. XV.

A quinta substancia constitutiva do ar atmosferico he a luz , a qual , assim como o *calórico* , parece ser huma modificação particular da electricidade. Prescindindo desta questão , e deixo tambem para outro tempo muitas investigações sobre a natureza da combinação , que , na atmosfera , se faz entre o *oxygeneo* e o *azoto* , da qual não resulta o acido
ni-

nitrico ; sómente advertirei que he possível que este resultado não appareça em razão da grande afinidade , que entre si tem , 1.º a luz e o oxygeno ; 2.º o calórico e o azoto ; 3.º a luz e o calórico ; talvez he preciso accrescentar-lhe o entre-meio de muitas substancias gazosas , que nos são ainda desconhecidas.

§. XVI.

O ar atmosphérico não he respiravel senão quando o oxygeno está nelle *fronramente* combinado. . . Des o instante que se combina mais intimamente com qualquer gaz perde esta qualidade , ganhando immediatamente tal adherencia com a sua base , que não póde separar-se della no bofe.

A

§, XVII.

A respiração deve reputar-se pela mais simples operação da química vital, visto que a combinação do oxygeno com o sangue, ou com as substancias gazozas, que se soltam e sepáram d'elle, se effeitua conforme as Leis de affinidade reconhecidas.

§. XVIII.

Como no acto da respiração sirva unicamente o oxygeno, he natural perguntar-se porque a natureza derramára com tanta sobe-
gidão na atmosfera huma substan-
cia tão inutil a esta funcção co-
mo o azoto, e não lhe substitui-
ra o oxygeno? Para responder a
esta pergunta nos aproveitaremos
de alguns principios precedente-
men-

mente estabelecidos. Dissemos que todo o phenomeno era a resulta do effeito reciproco de dois principios oppostos (§. IV.), que a existencia de todo o movimento dependia da existencia de duas forças, cuja resistencia era mutua, e que sendo a vida hum movimento não podia tambem ter lugar senão por esta especie de luta entre os principios oppostos; os quaes reconhecemos por mais essenciaes nas duas partes constitutivas do ar atmosferico; nem o oxygenico, nem o azoto se deve considerar hum com exclusão do outro, como principio vital, mas ambos são igualmente essenciaes á vida posto que exerçam funcções differentes; o azoto por ser abundantissimo e o mais universalmente derramado, deve reputar-se pelo *principio vital*, irri-
tan-

tante , incitativo e positivo ou real ; o oxygeno ao contrario por principio vital moderador ou debilitante , temperante e negativo (3). Adiante apontarei os motivos , que me obrigam de attribuir ao oxygeno esta funcção : o que acabo de dizer contribuirá para conceber-se a razão , que a natureza teve em não formar o ar atmosferico de oxygeno somente , e de ligar a nossa existencia com a respiração contínua , e em fazer toda a organização animal , a alma , e o corpo dependentes dos nervos , os quaes não são destinados como se julgava , á secreção de hum fluido particular , mas servem de conductores do oxygeno e do azoto. Aquelles , que conhecem os feitos em que estriba o galvanismo , não duvidarão nada do destino do genero nervoso.

In-

§. XIX.

Independentemente destes dois principios (§. XVIII.), existem tambem outras *condições de vitalidade internas*, com as quaes a existencia do corpo está essencialmente ligada; a combinação e a modificação, quer seja dos principios externos de que acabamos de fallar, quer dos principios internos residentes no corpo, estabelecem estas condições, e a sua união ou encadeamento forma a *nutrição*; a qual he a causa da duração da organização, e huma funcção, que exerce o corpo, para tirar das substancias alimentosas os principios necessarios á sua conservação; mas como esta funcção só pôde effectuar-se pela decomposição dos alimentos nos seus principios elementares, de-

ve-

tante , incitativo e positivo ou real ; o oxygeno ao contrario por principio vital moderador ou debilitante , temperante e negativo (3). Adiante apontarei os motivos , que me obrigam de attribuir ao oxygeno esta funcção : o que acabo de dizer contribuirá para conceber-se a razão , que a natureza teve em não formar o ar atmosferico de oxygeno somente , e de ligar a nossa existencia com a respiração contínua , e em fazer toda a organização animal , a alma , e o corpo dependentes dos nervos , os quaes não são destinados como se julgava , á secreção de hum fluido particular , mas servem de conductores do oxygeno e do azoto. Aquelles , que conhecem os feitos em que estriba o galvanismo , não duvidarão nada do destino do genero nervoso.

In-

§. XIX.

Independentemente destes dois principios (§. XVIII.), existem tambem outras *condições de vitalidade internas*, com as quaes a existencia do corpo está essencialmente ligada; a combinação e a modificação, quer seja dos principios externos de que acabamos de fallar, quer dos principios internos residentes no corpo, estabelecerem estas condições, e a sua união ou encadeamento fórma a *nutrição*; a qual he a causa da duração da organização, e huma função, que exerce o corpo, para tirar das substancias alimentosas os principios necessarios á sua conservação; mas como esta função só pôde effectuar-se pela decomposição dos alimentos nos seus principios elementares, de-
ve-

ve-se igualmente respeitar a nutrição como hum verdadeiro processo de quimica vital, pertencendo por conseguinte todas as secreções e excreções á nutrição, como operações químicas secundarias.

§. XX.

Logo as substancias, que formam a materia das secreções e a das excreções obedecerão ás leis absolutas da *affinidade* quimica; as quaes postoque sejam firmes e invariaveis, podem padecer no corpo humano algumas variações por differentes causas.

§. XXI.

Quando as leis de *affinidade* forem modificadas de maneira que resulte o perfeito equilibrio entre
as

as diversas funcções do corpo humano , este gozará do estado de saúde ; tanto que este equilibrio se romper , ou as causas externas forcarem estas leis a seguir hum curso opposto áquelle da *vitalidade* , e avisinhar-se tambem ao da quimica *inorganica* , desde esse momento a enfermidade succederá á saúde ; quanto mais prompta esta desordem for , tanto mais rapida e notavel será a mudança , que se lhe seguir.

§. XXII.

Quer estas materias , incapazes de ser sujeitas á acção da quimica vital , cheguem directamente ao corpo , quer ellas sejam alli separadas das substancias alimentosas , quanto maior for a sua quantidade , tanto mais prom-

própria será esta mudança, neste caso serão nocivas por *excesso de irritação*.

§. XXIII.

E como as leis da química vital podem, segundo as da organização, ser actuadas pela reacção das forças intellectuaes (§. VII.), qualquer modificação destas poderá mudar o estado da saúde no de *enfermidade*, e reciprocamente.

§. XXIV.

Quando a nutrição padece alguma modificação doentia, percebe-se immediatamente nas secreções: este phenomeno me obrigou a reputar as secreções por *humana operação secundaria*.

A

§. XXV.

A influencia do estado de saúde, ou de enfermidade sobre o das secreções e das excreções, está provada evidentemente pela differença, que se observa entre os productos de ambos os estados oppostos.

§. XXVI.

He principalmente nas febres que esta differença (§§. XXIV., e XXV.) se observa com maior facilidade: os productos das secreções e das excreções contém então mais ou menos substancias, que não deveriam conter no estado de saúde; a urina, as fezes, a respiração, as feições do rosto, o sangue, o fel, todo o corpo padecem alterações, que não escapam ao práctico, mor-
men-

mente áquelle , que olha a organização sob o seu verdadeiro ponto de vista , e debaixo da sua *relação química*.

§. XXVII.

No estado de saúde , as secreções e as excreções conservam entre si tal proporção , que resulta dahi o equilibrio geral. Nas febres , ao contrario , não ha esta proporção , e , por consequencia este equilibrio necessario , em que , a men ver , consiste a saúde : como , em ambos estes estados , as secreções e as excreções não são mais do que decomposições e combinações de materias , que affeioam o corpo vivente por diversas maneiras , julgo que não se póde comparar melhor a união e encadeamento destas operações do

do que com a *fermentação*. E não sendo a febre senão o effeito das excreções e das secreções modificadas differentemente do que aquellas, que no estado de saúde observamos, esta comparação lhe he igualmente applicavel. A natureza das secreções e das excreções deve por tanto ser a regra pela qual devemos ajuizar do *estado febril*; e se o estado de saúde consiste na decomposição e combinação das substancias contidas no mesmo corpo, ou recebidas de fóra continuando o *equilibrio geral*, o estado de febre deve consistir na decomposição, e combinação doentia destas mesmas substancias, descontinuando o *equilibrio geral*. Em summa, no primeiro caso teremos a *fermentação natural*, no segundo a *fermentação preternatural*.

C

Não

§. XXVIII.

Não percamos o ponto de advertir que quando nos servimos da palavra *fermentação* para declarar certa ordem de combinações acontecidas no corpo humano, quer no estado de saúde, quer no de enfermidade, não pretendemos que esta ordem de combinações se effeitue do mesmo modo do que na fermentação dos corpos *inorganicos*; nós reconhecemos, ao contrario, que as diversas faculdades de que goza o corpo cheio de vida, modificam esta ordem de combinações de hum modo particular, indaque as leis de affinidade sejam as mesmas, e entendemos que qualquer producto obtido na fermentação *inorganica*, jamais poderá ser argumento fundamental para preten-
der-

der-se outro producto semelhante na fermentação organica, postas as mesmas circumstancias.

§. XXIX.

Sendo a enfermidade em geral huma modificação do estado de *vitalidade* (§. XXI.), a febre, que he hum genero de enfermidade, será huma modificação *particular* deste mesmo estado de *vitalidade*, e a palavra *febre* será a expressão generica, que designará esta modificação.

§. XXX.

Designando a expressão *febre* huma forma particular, commun a todas as enfermidades, que se chama *febres*, todas ellas se assemelharão por esta forma commun.

§. XXXI.

A esta forma commum (§. XXX.) chamaremos carecter generico, o qual deve ser mais apparente e realçado, e achar-se em todas as especies particulares de febres.

§. XXXII.

Assim (§. XXXI.) deve ser em virtude deste axioma tão conhecido, *que o que convem ao genero, deve convir á especie*, o que não he reciproco.

§. XXXIII.

Todas as febres, desde a *efemera* ou diaria simples até á peste, não são mais do que diferentes especies de hum genero commum; e, para que seja boa a
de-

definição da febre, deverá comprehender o seu caracter generico (§. XXX).

§. XXXIV.

; Mas em que consiste este caracter generico (§. XXX.) ? Por mais difficil que a sua comprehensão pareça, entendo que se póde conseguir pela numeração exacta dos phenomenos da febre.

§. XXXV.

A experiencia nos ensina em primeiro lugar que tudo o que perturba a proporção, que deve haver entre os dous principios da *vitalidade* (§. XVIII.) e as substancias tanto simples como compostas existentes no corpo, produz a fermentação doentia (§. XXVII.),

e os symptomas, que caracterisam a febre.

§. XXXVI.

Estes symptomas consistem na maior ou menor mudança das secreções e das excreções; mudança originada da cessação da devida proporção das diversas substancias, que obram no corpo humano tanto externa como internamente. Esta cessação procede da diminuição do oxygenio, quer ella seja real, quer proceda do gásto e consumo extraordinario deste principio.

§. XXXVII.

Deve-se pois dizer que o caracter generico da febre, he a decomposição e *recomposição* preternatural das moléculas elementares do corpo humano produzidas pela

la diminuição total ou relativa do oxygeno local ou universal. Pela expressão *preternatural* não pretendo designar *nada*, que seja contrario ás leis geraes da natureza, o que implicaria contradicção, vista a sua impossibilidade, mas sim huma tal combinação como a proporção dos elementos da qual resulte alteração do estado de saúde.

§. XXXVIII.

A diminuição do oxygeno pode provir de causas *externas* ou *internas*.

§. XXXIX.

As causas *externas* são as constituições ou temperaturas nocivas da atmosfera, as diversas espécies de miasmas e de *virus eranth-*
the-

thematicos, cujo effeito no corpo humano he a mudança da devída proporção, que existe entre o oxygeno e as outras substancias, e a formação de outras ordens de combinações.

§. XL.

Independentemente das referidas causas (§. XXXIX.) tudo o que for capaz de impedir e atalhar o progresso da fermentação natural, que incessantemente se effeictúa no corpo, deve contar-se no numero destas causas. Aquelles, que conhecem a influencia da temperatura do ar, da electricidade na fermentação *inorganica*, não duvidarão do que assevero ácerca da fermentação organica.

§. XII.

A febre pode tambem originar-se de todas as causas internas preexistentes no corpo, ou que podem nelle desenvolver-se.

§. XIII.

Os solidos do corpo humano estão sujeitos á acção das sobre-ditas causas, tanto internas como externas (§. XXXIX, XL, e XLI), entre as quaes cumpre contar a reacção intellectual (§. VII), a qual perturbando as funcções dos musculos, dos nervos, dos vasos, &c, produz o phenomeno, que chamamos *febre*.

§. XLII.

Das differentes explicações,
que

que acabamos de fazer , parece que podemos concluir que a causa proxima de todas as febres consiste ou na quantidade minima de oxygeno introduzido no corpo , ou na combinação doentia deste principio , ou na accumulção e soltura das substancias simples , taes como o azoto , o hydrogeneo , o carbonio , o enxofre , o fosforo ; ou alfim , em todas as combinações possiveis destas substancias , quer entre si , quer com as substancias externas capazes de as modificar , como o calórico , a luz , a materia magnetica , electrica , &c.

§. XLIV.

Cada huma destas substancias (§. XLIV) póde occasionar mais ou menos o estado , que cha-

chamamos *febre*; o fôco em que a sua acção se desenvolver, a natureza da acção, a maneira como a incitabilidade das partes organicas for ali affeicuada, são cousas, que podem variar, e por tanto, constituir as differentes especies de febres. No tocante á determinação exacta das relações, que ha entre estas variedades, he o que não podemos assignar segundo o estado actual dos nossos conhecimentos de medicina.

§. XLV.

Sempre que designamos o estado de enfermidade com o nome de *febre*, cumpre para a exactidão deste nome, que a proporção do oxygeneo com as outras substancias do corpo humano, não seja como no estado de saúde :
acon-

que acabamos de fazer , parece que podemos concluir que a causa proxima de todas as febres consiste ou na quantidade minima de oxygeno introduzido no corpo , ou na combinação doentia deste principio , ou na accumulção e soltura das substancias simples , taes como o azoto , o hydrogeneo , o carbonio , o enxofre , o fosphoro ; ou allim , em todas as combinações possiveis destas substancias , quer entre si , quer com as substancias externas capazes de as modificar , como o calórico , a luz , a materia magnetica , electrica , &c.

§. XLIV.

Cada huma destas substancias (§. XLIV) póde occasionar mais ou menos o estado , que cha-

chamamos *febre*; o fôco em que a sua acção se desenvolver, a natureza da acção, a maneira como a incitabilidade das partes organicas for ali affeçoada, são cousas, que podem variar, e portanto, constituir as differentes especies de febres. No tocante á determinação exacta das relações, que ha entre estas variedades, he o que não podemos assignar segundo o estado actual dos nossos conhecimentos de medicina.

§. XLV.

Sempre que designamos o estado de enfermidade com o nome de *febre*, cumpre para a exactão deste nome, que a proporção do oxygeneo com as outras substancias do corpo humano, não seja como no estado de saúde :
acon-

acontece neste caso por causas moraes ou fysicas que as ditas substancias exceedem ao oxygeneo, tanto separada como collectivamente.

§. XLVI.

Quanto maiores forem as forcas das faculdades organicas para restabelecer aquella proporção de oxygeneo da qual resulta o perfeito equilibrio, tanto mais facil será a curação desta ou daquella especie de febre; e para que esta cura se consiga será preciso supprir a falta de oxygeneo com as devidas cautélas, a fim de não lesar alguma entranha necessaria á vida.

§. XLVII.

O oxygeneo deve ser o effiacissimo meio de curar a febre,
por

por quanto seja qual for a causa proxima desta enfermidade, a causa primitiva he sempre a falta absoluta ou relativa de oxygeno (§. XXXVII). No caso de ser relativa a falta do oxygeno, póde fazer-se mui bem que a sua quantidade seja maior do que a necessaria para manter o equilibrio de que resulta a saúde, mas então acha-se combinado com diversas bases *oxydaveis* ou *acidificaveis*, das quaes não póde separar-se mais, e em tal caso estas bases obram como potencias irritantes. Se alguem pois se maravilhar do que tenho dito ácerca do oxygeno rogo-lhe que pondere com madureza as considerações seguintes :

1.º Todas as substancias conhecidas, simples ou compostas, tem huma inclinação conti-

tinua para se combinarem com o oxygeno preferindo-o a outro qualquer corpo, sendo reciproca esta inclinação.

2.^o A dita inclinação não he prova de ser o oxygeno essencialmente opposto ás mesmas substancias, por quanto as queima sem nunca poder ser queimado.

§. XLVIII.

Sendo as febres originadas da falta do oxygeno (§. XXVII), não podem remediar-se senão subministrando aos enfermos este principio; mas como he impossivel de obter-se só e ilhadamente, cumpre escolher aquellas substancias com que está mais pura e simplesmente combinado, em huma palavra aquellas, que tiverem ex-
pe-

perimentado a mais complecta combustão ; estas pois são os ácidos.

§. XLIX.

Todo o ácido he huma substancia queimada pelo oxygeno, e composta d'elle e de huma base acidificavel: des o instante da sua combinação, estes dous corpos não são já os mesmos, que dantes eram mas sim hum terceiro corpo, no qual se acham confundidos, e que chamamos *ácido*. Quanto mais prevalecer neste producto o oxygeno, mais proprio será para a curação da febre.

§. L.

De todos os ácidos, os mineraes são os mais saturados e far-

fartos de oxygeno; além disso, possuem a importante propriedade de se oppor segura e promptamente á excessiva desenvoltura do calórico; e portanto deve-se usar delles com preferencia aos outros medicamentos.

§. II.

Talvez se faça a isto (§.I.) huma objecção, e he que, não sendo hum acido o oxygeno, he até hum corpo em que este está tão intimamente combinado, que não pôde separar-se facilmente, e por tanto parece que não deve produzir o effeito esperado ou promettido, conforme a minha theoria, isto he, do oxygeno livre e separado. Ora a esta objecção occorrerei unicamente com os seguintes feitos:

Lo-

1.º Logo que se combina qualquer acido com outra substancia, effeitua-se huma verdadeira combustão, a saber, esta substancia tira-lhe o oxygeno: reputamos a dita combinação por huma verdadeira combustão, por quanto combinando-se hum acido mineral com as materias animaes, ou vegetaes obtem-se o mesmo producto, que resulta da combustão, a qual he mais ou menos viva, mais ou menos completa, conforme a maior ou menor força do acido; em todos os casos porém ha sempre combinação do oxygeno.

2.º O mesmo producto deve haver no corpo humano; des o momento que hum acido se introduz nelle, combina-se com as substancias, que encerra, e

D as

as queima , segundo o acido he mais ou menos diluido na agua , ou noutras substancias , e conforme o maior ou menor gráo da temperatura do corpo humano : tenho que as substancias , que não se podem decompor pela quimica experimental , como o acido muriatico , se decomporão no mesmo corpe vivente , porque o muriato de soda ou sal marinho parece ser de absoluta necessidade á raça humana , e a sua base hum dos elementos do seu corpo , posto que nos seja desconhecida (4).

§. LII.

Havendo asseverado (§. I.) que os acidos mineraes possuam a propriedade util de oppor-se rapidamente a excessiva desenvoltu-

tura do calórico , cumpre fazer aqui alguma explicação para não parecer contradictorio com o que a experiencia ensina a este respeito. Primeiramente advirto que nunca podem administrar-se os acidos mineraes como remedio no seu estado puro e concentrado , e que carecem sempre de outras substancias , que diminuam a sua força , ou os diluam e lhes sirvam de *vehicula* ou *excipiente*. Quando o acido se combina com os fluidos organicos , o calórico desenvolve-se e combina-se com a substancia empregada para diluir o acido , a qual tem huma grande inclinação para sorver o calórico , que ella perdera na sua primeira combinação com o acido. O calórico huma vez combinado , não póde mais separar-se ou restituir-se ao estado de liber-

dade , que constitue o que chamamos *calor febril secco* , mas deixa o corpo e sae pela via natural das secreções e das excreções.

§. LIII.

Sem embargo de ter mostrado (§. XIV.) o que se deve ajuizar da objecção daquelles , que reputam o calórico , o oxygenico , o azoto , e o hydrogenico por entes hypotheticos ou suppostos ; todavia torno ao **mesmo** assumpto , porque nunca ha sobegidão , a meu entender , no que se diz ácerca das verdades fundamentaes da sciencia. Verdade he que a natureza destas substancias nos he desconhecida , visto que a sua existencia só he manifestada no momento da sua combinação com outra substancia opposta ; o feito po-

porém mostra ser muito possível não conhecermos huma substancia, iudaque na verdade exista; e todas aquellas de que acabamos de fallar estão neste caso, sendo com tudo real, mui verdadeira e conhecida a sua existencia no instante em que se combinam entre si, ou com outros corpos. No tocante ás provas remetto-me á complecta analyse ou decomposição dos gazes compostos do calórico commum e opposto a todos, e da sua particular base; á decomposição da agua nos dous gazes, a saber, o oxygeneo e o hydrogeneo, os quaes novamente combinados produzem a mesma quantidade de fluido liquido; á decomposição do ar atmosferico, composto de oxygeneo e de azoto; finalmente á dos acidos formados todos de oxygeneo

e

e de huma base acidificavel. E termino dizendo que a

1.^o *Hypothese* he huma supposição ou conjectura que se faz para conseguir certas resultas, as quaes podem ser verdadeiras ou falsas, segundo a verdade ou falsidade dos calculos, isto he, segundo estes são ou não conformes á natureza das cousas. Assimque a *hypothese* não suppõe essencialmente feitos.

2.^o *Theoria*, ao contrario, he sempre huma enfiada de feitos assaz contestados e coordinados; a qual póde alterar-se, visto que o systema dos nossos conhecimentos póde crescer e engrandecer-se. Os feitos porém são sempre existentes, e hum
feitos

feito bem examinado , he hum
ma verdade eterna.

§. LIV.

Sendo pois a theoria (§.LIII.2)
a entrada de feitos , póde servir
para aclarar tal ou tal ponto es-
curo desta ou daquella sciencia.
Aqui, por exemplo applicamos a
theoria da quimica moderna á me-
dicina practica : Ora se a expe-
riencia nos provar que a cura de
todas as febres depende do resta-
belecimento da conveniente e de-
vida proporção de oxygeneo , e
que por conseguinte os acidos são
as substancias a que deve dar-se
a primazia , necessaria e forçosa-
mente concordaremos na exacção
e utilidade desta applicação.

Ha-

§. LV. e LVI.

Havendo considerado a febre como humma especie de fermentação, durante a qual, certos elementos do corpo se apartavam hums dos outros, e formavam outras ordens de combinações (§. XXVII), deve nella acontecer alguma coisa semelhante aos phenomenos da fermentação fysica, salvo com tudo as modificações que as condições da vitalidade lhe devem dar.

§. LVII.

Ora sabendo nós que a fermentação fysica pôde ser modificada por certas circumstancias, como a maior ou menor temperatura, a addição de materia capazes de a excitar ou enraque-

cer , devemos crer que a febre póde igualmente ser acompanhada de certas circumstancias , que favorecem ou suspendem o restabelecimento do equilibrio.

§. LVIII.

Assim como o producto da fermentação fysica não se effectúa de hum jacto, mas d'espaco e em tempo limitado , a-sim tambem a febre , que he producto da fermentação organica , se desenvolve e termina em certo espaco de tempo , que a natureza determina.

§. LIX.

A fermentação *inorganica* ou fysica corre necessariamente os diversos grão da *escala da fermentação* primeiro do que chegue ao
que

que a constitue producto , no qual ella pára ; a febre tambem corre necessariamente os differentes grãos da sua escala antes de chegar ao seu termo , e de acabar e extinguir-se com o seu producto , que he a *crise* ; a massa febril póde chegar-se mais ou menos a este deradeiro grão da escala da fermentação , e por consequente ser mais ou menos prompta e feliz a sua terminação: Ora he sabido que ha meios de aproximar a massa febril a este ultimo grão , isto he , de apressar a fermentação organica ; sendo portanto a curação da febre mais ou menos breve , segundo os meios de que se usar. De mais tendo eu dito tambem que a terminação da febre dependia do restabelecimento da conveniente e devida quantidade de oxygeneo (§. LIV) ;

todos os meios que forem azados para cooperar a este fim deverão antepor-se a outro qualquer.

§. LX.

Guiado eu pelos sobreditos princípios; convencido intimamente da applicação indispensavel do galvanismo á explicação dos phenomenos do corpo animal, tanto no estado de saúde como de enfermidade, que tem relação com o movimento; ensinado pela multidão de experiencias galvanicas que as funcções das partes organicas se mantêm unicamente pela continuada e reciproca acção das forças oppositas, acção de que o oxygeneo e as substancias acidificaveis me parece ser a causa, considerando, além disso, que os acidos podem até chegar a destruir a *incitabili-*
da-

dade ; conduzido emfim pela observação diaria do instincto dos febricitantes , que os faz sollicitar os acidos e todas as substancias fartas de oxygeneo , e sabendo o feliz uso , que delles se tem feito em todos os tempos , postoque não se tenha discorrido sobre a causa destes successos ; eu tinha sobeja razão de reputar os acidos mineraes por medicamento o mais azado para a cura complecta das febres , e até de presumir que com elles conseguiria results igualmente favoraveis , empregando-os nos ultimos periodos das febres onde a morte parece proxima ; periodos em que nenhum medico pensou em os administrar (5).

§. LXI.

Autorisava-me particularmente

te a ter esta esperanza (§. LX) por bem fundada a identidade ou semelhança do periodo, que, a meu entender, ha nas febres sem lesão essencial de *orgãos*, sejam quaes for as suas modificações accessórias. Com effeito se não perdemos o ponto do que dissemos ácerca do derradeiro gráo de fermentação doentia, ver-se-ha que, sendo este sempre o mesmo, o perigo que elle essencialmente constitue, he tambem sempre o mesmo. Quanto mais a materia organica corre com velocidade os differentes grãos da escala, tanto maior he o perigo; e tanto menor, quanto he menor esta velocidade. Este progresso rapido ou vagaroso procede da influencia maior ou menor das causas internas e externas, e das affinidades mais ou menos repetidas, que

que se effectuam entre as partes elementares do corpo vivente.

§. LXII.

Primeiro do que tudo tratava-se de determinar a quantidade dos acidos, que podia sem risco dar-se. Como o meu corpo era já avezado a muitas experiencias de quimica e de galvanismo, deliberei-me a experimentar nelle os effeitos dos differentes acidos, começando pelo acido *sulfurico* ou vitriolico, em razão de ser o mais forte, e de haver-se em todo o tempo usado internamente com felicissimos successos; gozando, além disso, da propriedade de decompor-se facilmente pelo carbonio e o hydrogeneo numa temperatura subida. Comecei a tomallo em pequena quantidade augmentando-a
pou-

pouco e pouco por grãos; enfim, o que me pareceo incrível, se eu o não experimentasse, cheguei a tomar huma onça (*seis oitavas e meia e doze grãos do peso Portuguez*) de acido sulfurico concentrado no espaço de huma hora, numa indigestão que causei de proposito. Não experimentei mais, do que grande tezura na região do ventre, acompanhada de copiosa ventosidade que saía por cima, e no dia seguinte, depois de passar a noite inquieta e perturbada por sonhos, descomi muitas fezes aguacentas. Nesta experiencia tive o cuidado de diluir e enfraquecer o acido sulfurico em muita agua.

§. LXIII.

Passado algum tempo depois
des-

desta experiencia (§. LXIII. 11 de Dezembro de 1796.) tive occasião de ver huma enferma com todos os signaes de morte proxima, a saber, soluços, sobresaltos des tendões, carphologia. (6) Reputando todos elles por outras tantas convulsões galvanicas, produzidas pela desenvoltura de substancias oppostas ao oxygeneo, res- tribado eu na resulta de alguns experimentos feitos nos animaes, entendi que poderia diminuir esta extrema *incurabilidade*, offerecendo ás ditas substancias destruc- tivas o entremeio de huma com- binação facil.

§. LXIV.

Deliberei-me por tanto a dar o acido sulfurico concentrado, mis- turando com gottas delle cem duas
par-

partes de agua, e para evitar o assobio, que faz quando se lhe bota agua, assobio, que ame-
drontaria a enferma, o misturei
com sufficiente quantidade de agua
e de xarope de framboesa, e o
dei a enferma, mas o revessou
logo, e por isso o dei depois em
duas doses de cincoenta gottas ca-
da huma. Como não o vomitou
mais dei as cem gottas em cada
huma das duas doses ultimas,
que lhe fiz tomar.

§. LXV.

O ventre da enferma estava
extremamente ventoso, o que pro-
cedia, a meu ver, da desenvol-
tura notavel de gases mistos, mo-
tivo que me determinou a expe-
rimentar a applicação de hum
meio externo capaz de modificar

E

es-

estes gases; e conhecendo eu os felizes successos dos clisteis com vinagre nos casos de malignidade, deliberei-me de experimentar outro meio semelhante, a saber, hum clister de acido muriatico ou marinho diluido em agua, com preferencia ao acido sulfurico, já por ser mais fraco e mais volatil do que este, e já porque, separado em forma de gaz, se combina facilmente com os outros. Mandeí pois botar-lhe hum clister de agua quente com quarenta gottas de acido muriatico, o qual provocon hum copioso curso, acompanhado de muitos flatos de que resultou notavel allivio: este decidido e real melhoramento me animou a dar segundo clister, cujas consequencias corresponderam ás minhas esperanças, ficando salva a enferma do
emi-

eminentissimo perigo no espaço de algumas horas.

§. LVI.

Animado eu por huma cura tão maravilhosa (§. LXV.), repeti a minha experiencia com as devidas cautelas em infinitos casos , e tive occasião de convencer-me pela practica a mais feliz , que nenhuma enfermidade conhecida com o nome de febre , resiste aos *ácidos mineraes* applicados como medicamentos , que a cura se effectua em brevissimo tempo , sempre que não ha lesões organicas essenciaes , e nem o medico nem o enfermo commette erros.

§. LXVII.

Muito tempo ha que eu usava do acido sulfurico , segundo já disse (§. LXII , LXIII , LXIV) , mas vendo por experiencia que os enfermos muitas vezes o recusavam , que a sua acção era assás lenta , impedindo-lhe a sua pouca volatilidade ceder facilmente o seu oxygeno ; que algumas vezes produzia incommodidades no estomago , deliberei-me , depois de infinitas ponderações , a substituir-lhe o *acido muriatico* , no qual descobria a util propriedade de volatilisar-se mais do que todos os outros acidos , além de poder dar-se em quantidade muito maior do que o acido sulfurico : e havendo conseguido com elle na practica effeitos tão felizes como com este ultimo , não hesito em

re-

recommendallo com preferencia a todos. Permitta-se-me de advertir que estou admirado de nunca se cuidar em investigar quaes podiam ser as utilidades do uso do acido muriatico, sendo elle 1.^o de sabor mais agradavel, e os enfermos não o recusarem tanto como o acido sulfurico; 2.^o sendo o mais volatil de todos; 3.^o Constituindo com a soda ou *alkali mineral* hum sal necessario e indispensavel ao homem, *qual he o marinho de soda ou sal marinho*, que a maior parte dos animaes busca com ansia, e que he abundantissimo na natureza: e como tudo tem hum fim, eu o reputo por importantissimo á economia animal. Não responderei agora ás objecções, que pederiam fazer-se á cetera de não poder decompôr-se o acido muriatico nos labora-

to-

torios quimicos : no tocante a isto, remetto-me ao (§. LI.) (7)

§. LXVIII.

Sendo pois conformes á natureza das cousas os fundamentos , em que me restribo , para recommendar os ditos acidos em todas as especies de febres , eu devia conjecturar que se tiraria igual utilidade dos outros acidos mineraes , dados nas mesmas circumstancias ; com effeito a experiencia converteo a minha conjectura em certeza. O primeiro que experimentei foi o acido nitrico com o qual consegui effeitos estupendissimos , particularmente nas dysenterias , nas diarrheas chronicas e dolorosas. Sem embargo disso tenho-me abtido do seu uso em muitas circumstancias , 1.^o por
ser

ser menos volátil do que o acido muriatico ; 2. por não poder decompor-se inteiramente, e formar com o azoto o acido nitroso a porção de oxygeno separada ; o qual acido nitroso, segundo a engenhosa theoria de *Mitchel*, differre pouco dos effluvios de que se originam as horrendissimas enfermidades epidemicas ; 3.º enfim por haver observado muitas vezes que o seu uso causava aos doentes huma notavel inchação ventosa. (8) Tenho usado tambem do acido fosforico em alguns casos urgentes, mas com elle não obtive successos assás notaveis, talvez por ser o mais fixo de todos os acidos : demais a sua carestia obstaria ao seu frequente uso (9). As resoltas do acido muriatico oxygenado foram muito mais felizes, mormente nos casos de subita ces-

sa-

sação de oxygeno , como no estado modorrento. Todavia não creio que mereça preferir-se ao acido muriatico por conter este realmente muito menos oxygeno do que aquelle. Não fallo dos acidos vegetaes , inda que des largo tempo a sua utilidade seja reconhecida nas benignas enfermidades febrís : nem assento que deva prescrever-se estes acidos nas febres hum pouco graves , visto que contém grande quantidade de hydrogenco e de carbonio (10).

§. LXIX.

Ora para que todos os referidos acidos (§. LXII. até LXVII. incluso) obrem com maior efficacia , convém applicallos immediatamente aos órgãos geraes da nutrição, isto he , ás vias da digestão ;

tão : no estomago he que a sua acção tem maior energia , e depois no canal das tripas por meio de clisteis. A sua applicação á pelle offerece tambem grandes utilidades ; usa-se delles já em banhos , já em fomentações , tendo a cautela de os diluir e enfraquecer em sufficiente quantidade de agua.

§. LXX.

Antes de expôr mais circunstanciado o modo de administrar os acidos , julgo necessario responder a huma objecção , que poderia parecer bem fundada , e he : se ha meios conhecidos e certos de sanear as differentes especies de febres , para que se ha de recorrer aos acidos ? Estes meios , cuja efficacia está contes-
ta-

tada pela experiencia , são além disso huma prova de que os acidos não são tão necessários e indispensaveis como se pretende. A esta objecção respondo que 1.^o todos os medicamentos atégora usados contra as febres são substancias mineraes mais ou menos acidificadas (azedadas) , ou vegetaes mais ou menos ricas de oxygeno livre , ou de oxygeno combinado : o que dissemos a traz sobre a utilidade das substancias mineraes acidificadas , e ácerca das vegetaes fartas de oxygeno livre , isto he , dos acidos nos dispensa de entrar em novas explicações. Unicamente resta-nos explicar o modo como os vegetaes fartos de oxygeno combinado , isto he , de oxygeno , que faz parte constitutiva do seu ente , podem curar a febre ; 2.^o tenha-se presente e que

que tambem dissemos (§. XVIII) que o oxygeno entrava como principio negativo na organisação do corpo animal , no qual estava numa especie de conflicto continuo com os principios oppostos ; devendo entender-se igualmente a respeito do corpo vegetal que he tambem organizado , como todas as experiencias comprovam ; 3.^o os experimentos de *Fourcroy* demonstram que a quina contém muito oxygeno : as cascas indigenas com que a quina se tem substituido para o mesmo fim contém igualmente o oxygeno : o qual , segundo as minhas experiencias , existe nellas na razão directa da sua densidade. As plantas aromaticas e os seus productos indirectos , a saber , as resinas , os oleos volateis , ou ethereos , os espiritos , sobre tudo o alcohol , os etheres

res e o alcanfor encerram muito oxygeno combinado, assim como o opio. Em summa toda a natureza vegetal offerece diversos grãos de oxydicação, que escapam á decomposição química dos nossos laboratorios, mas que não resistem aos poderosos menistros do laboratório da natureza (15). Estou pois inclinado a crer, e realmente creio que os gases do ar decompoem o oxygeno combinado dos vegetaes; creio tambem que os medicamentos, que constam de principios oppostos ao oxygeno, podem effectuar a cura das febres, combinando-se com as substancias do corpo humano, e penso que he desta maneira que obram os irritantes volateis usados com utilidade nas febres; 4. posto que estou muy longe de negar a possibilidade da decompo-

posição do oxygeno combinado, como pôde acontecer que a natureza não se ache nas circumstancias favoraveis de effictuar esta decomposição pela falta absoluta ou relativa de oxygeno, penso que he infinitamente mais prudente usar dos meios, que supprem immediatamente a dita falta de oxygeno. Ora se na vida commum se demanda e segue a via mais directa e a mais singela, porque não se praticará o mesmo na medecina.

§. LXVI.

Concordo todavia em que podem existir casos nos quaes seria mais prudente administrar os medicamentos, que obram *mediatamente* do que aquelles cuja acção he immediata. O vomitorio,
por

por exemplo , as purgas , os clis-
teis podem muitas vezes antepor-
se a outro qualquer medicamen-
to , visto que provocam a evacua-
ção de materias cuja demora des-
envolveria incessantemente hum
novo irritante febril. Os banhos
e as fomentações podem igualmen-
te concorrer para a cura das fe-
bres , produzindo o equilibrio do
calórico necessario em toda a eco-
nomia animal. Precedentemente
declarámos o modo de augmentar
pelos acidos a sua efficacia. Pro-
ponho-me alfin a publicar huma
obra na qual descreverei as cir-
cunstancias em que reputo por
necessario o uso dos medicamen-
tos auxiliares de que acabo de
fallar.

; Qual

§. LXXII.

¿ Qual he a quantidade de
acidos necessaria para complectar
a cura radical de huma febre ?
Esta pergunta não me parece de
natureza tal , que possa resolver-
se , por quanto nunca conhecere-
mos a somma exacta das poten-
cias irritantes , devendo nestes ca-
sas ser o seu successo a nossa unica
regra. Pertence , pois , á perspi-
cacia dos medicos determinar a
applicação , e uso dos acidos , por
tal que se consiga a cura sem
offender nenhum orgão. Seria ri-
dicularia exigir-se de mim , que
marcasse as quantidades dos aci-
dos , com que se pode sanear es-
ta ou aquella febre em certo es-
paço de tempo. A administração
destes medicamentos dependerá
sempre do medico sabio e allu-
mia-

miado , tantoque o homem ignorante obrará sempre cegamente e ás apalpadelas.

§. LXXIII.

He huma regra geral de therapeutica , que cumpre ter sempre presente , que na prescripção dos medicamentos deve haver huma sabia e prudente discreção. Se dará portanto os acidos mine-
raes (§. LXIV. , e LXVIII.) no principio e no crescimento das febres , mas em pequenas e muitas vezes repetidas quantidades , por exemplo , des huma oitava (60 *grãos portug.*) até meia onça (*tres oitavas e hum escrupulo portug.*) , misturados com huma ou muitas onças de xarope , e se pode ajuntar-lhes , se as circumstancias o exigirem , algumas oi-
ta-

tavas de qualquer substancia es-
pirituosa ou irritante (1/2). De-
sta bebida se dará humo ou duas
colheres de hora em hora, ou de
duas em duas horas, e se irá
augmentando até meia taça, ten-
do o cuidado de diluir com agua
cada dose, ou de a beber em
cima, o que he indifferente. No
caso de perigo, ou no momento
de crise cumpre dar no mesmo
tempo des humo oitava (sessen-
ta grains porrag.) até duas oita-
vas (humo oitava e deus escro-
pulos porrag.) (§. XL., L., e
LX.), até com gotas, e re-
petir-se a bebida quando o exi-
gir o caso. Como o acido sulfu-
rico he mais forte do que os aci-
dos muriatico e carbonico, deve dar-
se em menor quantidade; pelo
contrario sendo o acido muriati-
co oxygenado mais fraco de to-
dos,

dos , se dará em grande quantidade , isto he , des huma onça (seis oitavas e dous escropulos portug.) até duas (onça e meia , tres oitavas e hum escropulo portug.) por cada vez de meia em meia hora , ou de hora em hora. Cheguei a tomar deste acido oito onças (seis onças , cinco oitavas e hum escropulo portug.) no espaço de quatro horas , e muitos dos meus enfermos o tomaram na dose de doze onças e mais (dez onças e mais portug.) no mesmo espaço de tempo , sem que provocasse senão dous ou tres cursos aguacentos.

§. LXXIV.

Vê-se finalmente que a força intensa dos acidos não he realmente essencial ; a presença dos

signaes mais ou menos favoraveis deve ser a unica regra que sirva de guia ao medico ; ora será necessario diminuir , ora augmentar a dose ; e qualquer que seja a força ou a fraqueza dos acidos se poderá sempre remediar segundo as circumstancias. Com tudo para a exacção das results he melhor usar-se do acido , cuja força seja constante e bem conhecida (13). No tocante ao uso mais ou menos dilatado do medicamento pertence tambem ao medico , visto que a practica pôde offerecer infinitas variedades. No segundo volume dos *Casos das enfermidades* marcarei mais particularmente a quantidade , que tenho dado em cada huma dellas.

Como algumas vezes os enfermos sentem tanto o sabor forte e desagradavel dos acidos, que carecem de grandes cautélas para os tomar, he necessario diluil-os e entraquecellos com sufficiente quantidade de agua ou adocallos com algum xarope, advertindo-se todavia que elles estão entraquecidos. Será mais facil de dar o acido em grande quantidade ao enfermo, que estiver em perigo, aproveitando esta circumstancia. Da pouca cautéla com que ás vezes o medico dá o acido, resulta as gretas dos beiços e da superficie interna da boca; estas gretas com tudo devem attribuir-se de ordinario a humra disposição para a esfoladura originada da violencia e malignidade da

mo-

molescia. Quando se dá os acidos a tempo com as cautelas, que tenho declarado, não se deve temer a excoiação do estomago, por quanto elles tem muito maior affinidade com as substancias fluidas e gazozas, que, durante a febre, existem sempre no estomago e nas tripas, do que com o carbonio de que consta a tela destes orgãos. O uso dos acidos embota immediatamente os dentes, porém he incommodidade, que nada prejudica. Exceptas as enfermidades chronicas, nas quaes ella mostra algumas vezes que he preciso descontinuar o seu uso.

§. LXXVI.

Bem que os signaes do *Successo favoravel*, depois do uso dos
acidos

acidos sejam extremamente varios e inconstantes ; com tudo deve-se contar como annuncio do proximo restabelecimento da saúde , quando sobrevém á crise perigosa , os symptomas seguintes : vomitos apenas se acaba de engolir , borborinhos na região do ventre , grande cópia de ventosidades , camaras ás vezes violentas , elevação do pulso , augmento ou diminuição do calor , suores , salivacão , excreção maior de urina , tranquillidade notavel , somno , &c. mas sobre tudo , recobramento dos sentidos que se tinham perdido. Deve-se conjecturar igualmente bem da proxima cura , quando recae em hum somno cheio , pacifico , durando o qual , a velocidade do pulso se diminue e aquieta. Em quanto aos indicios mais circumstanciados ,

dos, veja-se os meus *Casos das enfermidades*.

§. LXXVII.

Eis-aqui o que a observação me tem ensinado atégora acerca dos signaes mortaes : nodos ou pintas no corpo e na cara ; hum olho meio aberto, e outro paralytico ou fechado ; a cornea, que ao principio com o uso dos remedios era mais clara, agora está novamente turva ; diminuição do sentimento, depois de humma vez recobrado, e ao mesmo tempo a cara cadaverica, ou, como se diz *hypocratica* ; crescimento do estertor ; intercadencia, inconstancia, desigualdade do pulso. Todos os outros symptomas, que os medicos reputam por signaes de morte, me tem pare-

ci-

cido incertos , e a sua resulta-
 da é variavel , ora funesta , quan-
 do não acompanhavam aquelles ,
 que acabo de expor ; em todos
 os casos porém he necessario co-
 telar humas com outros symptomas
 e sonmellos ; o que unicamente
 pôde adquirirse pela larga e la-
 boriosa experiencia. Em hum pa-
 tiente, deve o medico empénhar-
 se em possuir aquella grande e
 singular arte de individuar , e se-
 guramente prognosticar , cousa
 que todas as regras da therapeu-
 tica não podem ensinar.

§. LXXIX.

Os principios expostos nesta
 memoria devem considerar-se uni-
 camente como os pontos cardaes
 do meu systema das febres , e que
 são os mais importantes ao pra-
 ctis-

etico, por tal que meditando-os
 grangeará a arte de tratar felis-
 mente todas as enfermidades co-
 nhecidas com o nome de *febres*,
 entre as quaes conto a *hydrofo-
 bia*. Reservo para outra obra,
 que sairá á luz com o título de
Doctrina das febres a desenvoltu-
 ra e explicação mais ampla dos
 ditos pontos. Talvez que me re-
 prochem por ter applicado a qui-
 mica á medicina; mas eu já de-
 fini o que entendia pela palavra
química, e a amplidão que lhe
 dava (§. VI.) Julgo esta appli-
 cação tão essencial que estou as-
 saz convencido de que a ella de-
 verá a medicina os seus utilissi-
 mos descobrimentos. A experien-
 cia em fim tem comprovado o
 que eu olhava somente como pro-
 babilidade. Os feitos appoiaram as
 minhas conjecturas, e confesso
 que

que não conheço prova mais segura, nem menos equívoca. O meu systema, se na verdade he hum systema, tem além disso a util vantagem de reunir todos os outros em hum só ponto. Tendo empregado toda a minha vida na investigação dos meios, que podiam ser uteis aos homens; dar-me-hei por bem pago das minhas fadigas e dos meus penosos trabalhos, se alguns me devem a sua existencia. Termino esta memoria por hum summario das utilidades que julgo resultam do meu methodo de curar as febres, summario que eu já fiz ante a commissão real.

§. LXXX,

A primeira destas utilidades he que, mediante os principios, que estabeleci ácerca da constituição

tução organica do homem , se poderá erguer hum edificio menos imperfecto em fysiologia e em pathologia , do que aquelle , que atégora tínhamos ; os que desejarem conhecimentos mais amplos , recorram ás obras de *Humboldt* , *Jacq* , *Schelling* , e *Ritter* , os quaes , depois do meu descobrimento , seguiram mais ou menos o mesmo rumo,

§. LXXI.

A segunda das ditas utilidades he que se poderá daqui em diante observar todas as enfermidades febrís , sem excepção , de baixo de hum ponto de vista mais exacto , curallas com maior segurança e promptidão , evitar em brevisimo tempo o perigo , em todos aquelles casos em que não
es-

estiverem lesos os órgãos necessários á vida, e em que não houver nenhuma particular complicação; e em geral abreviar o tempo da enfermidade e obviar os symptomas mais penosos. Não procurarei aqui de captivar a opinião dos medicos; em lhes tenho exposto as razões que me obrigaram a olhar as febres sob hum novo ponto de vista; a elles toca dizer se estas razões se confirmam pela experiencia, ou não. Nem tenho pretendido dar hum meio, cuja efficacia fosse invariavel em todos os casos; para isso seria necessario exceder a raia de homem; tudo quanto posso certificar a este respeito, he que em infinitos casos em que, segundo as indicações *scientificas* conhecidas, não havia que esperar, consegui com o meu methodo en-

ra-

rativo o perfeito restabelecimento. Cumpre ter feito as experiências, que eu tive occasião de fazer, para entender-se que poucas foram bastantes para desvanecer o perigo. Nem chegou de explicar a esta e que entendo por perigo; todos os médicos sabem o que, por esta expressão, se deve entender; unicamente adverto que atendo mais ao *essencial* do perigo do que à sua *forma*. Antigamente reputava-se por symptomas de perigo imminente, os sobressaltos dos tendões, a *carphologia*, os solúgos, o estertor, a cara cadaverica ou hypocratica, e então se administrava os irritantes volateis, os antispasmodicos, e os antisepticos, que se julgavam bem indicados; jámais eu osaria substituillos com os acidos mineraes, se indicações galvânicas

cas e os principios estabelecidos a *priori*, não me tivessem de alguma sorte assegurado anticipadamente a sua efficacia nos mesmos casos. Outros medicos viam nestas circumstancias espasmos, humores goticos ou rheumaticos, cumulos de saburra, ou hum gasto do poder vital, da inevitabilidade, &c. e eu em tudo isto não vejo senão falta de oxygeneo, e em consequencia pratico o meu methodo curativo. Estou convencido ser possivel que hum medico, ou por comprehender mal os meus principios, ou por não attender devidamente ao progresso da enfermidade possa ter na practica results penosas; mas em tal caso será elle só o tachado, por quanto eu atrevo-me a prometter huma practica felicissima a todo o medico, que seguir exacta-

ctamente o meu methodo curativo.

§. LXXXII.

A terceira utilidade, que resulta dos meus principios, he que a curação de muitas enfermidades reputadas atégora por incuráveis ou ao menos por perigosissimas, poderá aperfeiçoar-se muito, e esperar-se com fundamento da sua perfeição huma cura radical. Estas enfermidades são aquellas, que pertencem mais particularmente á classe das febres, inda que offereçam certas complicações, a saber, a *hydrofobia*, a *peste*, a *febre amarella*, a *tísica do bofe*, e em geral todas as *febres lentas* ou *hecticas*. Na verdade depois do meu descobrimento não se me offereceo occasião de tratar das tres primeiras; porém

rem o successo completo que a
 experiencia me offereceo em to-
 das as outras especies de febres,
 he, a meu ver, humma grandissi-
 ma probabilidade. Demais muitos
 pontos do seu antigo curativo, me
 provam que a sua curação deve
 ser conforme a theoria geral das
 febres. Advirto aos medicos que
 nos casos de hydrophobia julgo es-
 sencial dar os acidos antes que se
 tenha declarado algum ataque.
 Tenho curado muitos tísicos com
 o uso só dos acidos mineraes. Nes-
 tes casos a febre continua he con-
 sequencia mui natural da chaga
 dos bofes, chaga, que se oppõe
 á introdução da quantidade ne-
 cessaria de oxygeneo; a exacer-
 bação, que nesta enfermidade se
 observa de tarde, e durante a
 noite, assim como em todas as
 outras febres, procede de estar
 en-

então o ar atmosférico mais carregado de azoto. Fundado eu nesta observação lhes dava o acido sulfurico na dose de huma onça (*seis oitavas e dous escropulos portug.*) n'uma só noite, e o acido muriatico na dose de onça e meia (*huma onça e duas oitavas portug.*) ; no dia seguinte sentiam-se alliviados, inda que na vespéra estivessem em summo perigo, e assim os curava com o uso moderado destes medicamentos, quando o estado dos seus bofes permittia esta cura. Durante toda a curação eu lhe fazia tomar, de duas em duas horas, quinze, vinte, trinta, até quarenta gottas de acido sulfurico ou muriatico, em agua, ou em xaropes, ou ainda melhor em aguardente ou em alcohol, e todos os dias passavam melhor e tão robustos

G

quan-

quanto o seu estado permittia. Eu me expriino assim por causa da maior ou menor lesão dos seus bofes , por quanto se esta lesão he notavel , se os bofes scirrosos obstem á entrada do oxygeneo , a cura he então impossivel , visto não caber no poder do medico a reproducção das partes organicas ; nestes casos he assaz inutil fazer respirar o gaz oxygeneo ; e o unico meio de prolongar a vida destes desaventurados consiste no uso interno dos acidos. O que acabo de dizer da tísica do bofe , compete a todas as febres lentas (14).

§. LXXXIII.

A quarta utilidade consiste em poder tratar-se daqui em diante por methodo seguro , simples ,

e mui economico, as febres nervosas conhecidas com o nome de *podres*, as *dysenterias*, as *enfermidades* dos *arraiaes* e dos *hospitaes*. Huma velha experiencia des largo tempo tinha feito reconhecer a utilidade do acido sulfurico, dado em pequena dose nestas sortes de febres (15); mas como se usava delle misturado com os tonicos, os antisepticos, attribuia-se a estes exclusivamente a sua cura, e todavia empecia-se a acção deste acido pelo hydrogeneo, e pelo carbonio das substancias com que se dava. Como se ignorava o principio dos acidos, que cura a febre, e o seu modo de obrar, todas as vezes que ao uso dos acidos sobrevinha flatulencia, ou diarrhea, suspendia-se logo este uso; sendo elles então, como atraz se vio, importantissi-

mos , possuindo a propriedade de neutralizar e de expulsar as substancias muito irritantes de que procedem estes fenomenos. Em fim , eu penso que a dysenteria , na qualidade de febre complicada com humma doença particular , demanda ser tratada com os acidos ; unicamente permittia no comeco da enfermidade o vomitorio , ou as purgas pelas razões allegadas (§. LXXV.). Disse precedentemente como se podia accelerar a cura combinando-se os acidos com o alcohol , ou aguardente ; ninguém ignora quanto estas ultimas substancias são ricas de oxygeneo. (16)

§. LXXXIV.

A quinta utilidade , que resulta immediatamente da precedente (§. LXXXIII.) , consiste em

em poder os medicos dos exerci-
tos impedir a origem e o progres-
so de huma parte destas enfer-
midades , tanto quanto está no
poderio dos homens. Conseguir-se-
ha este fim dando-se aos solda-
dos , principalmente no tempo das
fadigas , do máo tempo , ou de
outras circumstancias nada favo-
raveis , hum elixir semelhante ao
de *Haller* por *diaria ração* ; com
este meio se prevenirá as enfer-
midades terriveis , que roubam
mais soldados ao estado do que
as guerras mais homicidas.

§. LXXXV.

A sexta utilidade he que as
bexigas , o sarampo , a escarlati-
na , a tosse ferina ou convulsiva ,
e as outras enfermidades das crian-
ças serão muito menos pernicio-
sas ,

sas, a sua mortandade será muito menos notavel, o que constitue huma septima utilidade, que tenho por huma das mais preciosas á sociedade.

§. LXXXVI.

A grande mortandade das crianças, depende, a meu entender, da falsa supposição que no seu estomago existem acidos, e por isso se receitam os alcalis ou os absorventes, cura esta que tenho por excessivamente perniciosas. Apenas acontece huma vez de cem que exista neste orgão semelhante acido; he sempre huma sorte de formação de acido carbonico, durante a qual, sepára-se o calórico, que produz na bocca do estomago a sensação dolorosa conhecida com o nome de

py-

pyrosis, ou *ferro quente*. Ora neste caso, os alcalis não podem fazer mais do que palliar a molestia, por- quanto sómente absorvem o acido carbonico. Tenho portanto abandonado a curação alcalina nas enfermidades das crianças, e des este momento não me morreram mais do que tres. Nas enfermidades epidemicas os acidos mineraes, dados em grande dose, produziram effeitos assaz maravilhosos; não são estes os unicos casos em que eu os dou; a experiencia a mais feliz me convenceo da sua utilidade em todos os accidentes, que acompanham a saída dos dentes ou a *dentição*, nos vomitos, nos casos em que ordinariamente se presume a existencia de hum acido, em algumas especies de convulsões, na tosse ferina ou convulsiva, na
fla-

flatulencia ; e como as crianças tomam com muita difficuldade os medicamentos de sabor algum tanto desagradavel , será necessario disfarçar aquella do acido sulfurico , misturando-o com maior quantidade de xarope e de agua ; o acido sulfurico se dará na dose de trinta grãos até duas oitavas (*oitava e meia e doze grãos portug.*) tomando o doente duas colheres da mistura de duas em duas horas. Quando me sirvo do acido sulfurico concentrado , ou do acido muriatico , não o dou senão de trinta até sessenta grãos , e sirvo-me do alcohol para vehiculo. Havendo dores dou o laudano liquido de *Sydenhãõ* , ou a tinctura de ópio. Escuso de recomendar a utilidade dos elisteis , do vomitorio e das purgas em alguns casos. Torno a fallar des-

desta ultima prescripção , porque , tendo as crianças grande repugnancia ao que fere o seu paladar , he muitas vezes impossivel de lhes fazer tomar a quantidade necessaria á sua curação. Não se deve temer de dar os acidos ás crianças nos casos mais extremos ; muitas vezes os vi com o estertor da morte , frios , a respiração intermittente , e serem salvos por este meio ; o acido muriatico com as differentes especies de ether , ou qualquer outra substancia volatil oxygenada me tem sobretudo vindo a effeito.

§. LXXXVII.

A oitava utilidade , que resulta do meu methodo de curar as febres , he a reforma feliz , que causará na curação das outras

tras enfermidades sem febre. Com effeito não ha , a meu ver , senão duas classes de enfermidade : as universaes , isto he , as febres , as enfermidades locaes ou organicas ; ora muitas vezes acontece que estas derradeiras se mudam em febres , ou são acompanhadas de febres ; então póde admittirse o meu methodo curativo pelos acidos , junctamente com todos os outros medicamentos , que se costuma prescrever nesta sorte de enfermidades. Não proponho pois hum remedio universal ; como parece que entenderam os membros da commissão real ; aponto sómente hum meio de curar as febres , o qual , a meu entender , póde applicar-se a todos os casos em que houver complicação de febres com outras enfermidades locaes.

Fi-

§. LXXXVIII.

Finalmente a derradeira utilidade, que não deve desprezar-se quando os meios propostos offerecem as mesmas results, he a economia nas despesas. Até ao presente o Estado tem sido obrigado de fazer grandes despesas com os remedios exóticos; eu mostro hum meio assaz simples de se escusarem; a simplicidade na curação deve ser hum dos fins do medico illustrado, e eu a reputo por hum utilidade grandissima, e digna da sua attenção.



N O T A S.



N O T A G E R A L.

A Obscuridade desta memoria no original alemão, mormente na exposição da parte systematica, obrigou ao D.^o Marc de cingir-se na versão franceza ao sentido do autor, e não ás suas proprias expressões; a frequente repetição do mesmo, fez que aquelle supprimissem as repetições, e se remetteste pelos números aos paragrafos em que repartio a mesma memoria, nos quaes são expostos os principios a que se refere. Eu na versão portuguez segui a trilha do D.^o Marc.

(1) Eu não creio, diz o D.^o Marc, como o autor, que a quimica vital guarde as mesmas leis, que a quimica *inorganica* guarda: facil he de provar com effeito que a força vital pôde operar mudanças, que não concordem com as nossas leis quimicas, 1.^o porque, sem embargo de todas

as analyses das materias excretorias e de-
cretorias, não cabe em nosso poder de as
preparar fóra do corpo organico animado;
2.º por quanto os feitos tirados da obser-
vação da natureza mostram que, depois dos
acidos sulfurico e nítrico, o acido muria-
tico he o que tem maior affinidade com os
alcalis, de sorte que os muriatos de soda,
de potassa e de ammonia, não podem de-
compor-se senão por aquelles dous acidos;
todavia vemos que as plantas marinhas, do-
tadas certamente de menos *vitalidade* do que
o corpo animal, decompõem o muriato de
soda, e adquirem o alcali mineral ou so-
da, que se combina com o seu acido ve-
getal. Transportando-se pois estas plantas
para lugares remotos do mar, não dão mais
do que potassa como todas as outras plan-
tas, o que prova que a soda ou alcali mi-
neral provém do muriato de soda ou sal ma-
rinho contido na agua do mar.

(2) O ar atmosferico he hum compos-
to de 0,21 de gaz oxygeneo e de 0,76
de gaz azoto, proporção, que varia des
0,22 até 0,28 do primeiro, e des 0,76
até 0,72 do segundo. Além destes dous
gazes, elementos primitivos do ar atmo-
ferico, acha-se neste des hum ate tres cen-
tesimos de outro fluido elastico, conhecido
com

com o nome de acido carbonico , não fallando na agua , no calórico , na luz , no fluido electrico , magnetico existentes sempre na atmosfera , sem que sejam partes essenciaes della. O gaz oxygeneo ou ar vital he o oxygeneo fundido no calórico : chama-se oxygeneo porque muitos corpos que o sorvem , convertem-se em acidos , e ar vital por ser o unico fluido elastico que nutrem , e conserva a vida. O gaz azoto he o azoto combinado com o calórico ; chama-se *azoto* por privar os viventes da vida.

(3) Confesso ingenuamente que não entendo como o azoto suspendendo o movimento muscular , exaurindo o poder vital ou a incitabilidade , e matando rapidamente os animaes , possa reputar-se pelo *princípio vital , irritante , incitativo , e positivo ou real* . ; Acaso o seu offeito será tão rapido , violento e invisivel como o do raio , que augmentando sobremaneira o incitamento , gaste n'um momento a incitabilidade , produza a debilidade indirecta e alim a morte ? Muito menos posso entender como o oxygeneo , que incita o poder vital , augmenta e reforça o movimento muscular , e he em summa hum energico e poderoso incitativo , seja o *princípio vital moderador ou debilitante , temperante e negativo*. Não
mo

me quadram as razões do autor , e todavia concordo com elle na practica.

(4) O autor , diz o D.^o Marc , reconhecendo que a base do muriato de soda ou sal marinho he desconhecida , e como pode asseverar que esta base he hum dos elementos do corpo humano ? Similhante asseveração parece ao menos atrevida , sendo certo que a fuligem , que resulta da combustão dos animaes mantidos com hervas salgadas , contém huma certa quantid. de muriato de ammonia ou sal ammoniaco. (Ora eu não entendo , como o D.^o Marc , que o autor falla da base do muriato de soda , a qual he assaz conhecida , mas sim do seu acido , cujos principios ainda se ignoram se por ventura não os mostrar Dargy.).

(5) Lembro-me , diz o D.^o Marc , de haver dado , ha annos , o fosforo internamente com tal successo , que excedeo as minhas esperanças ; o enfermo era de setenta annos de idade , e padecia huma febre *ataxica* ou maligna perigosissima ; o uso do fosforo o livrou immediatamente deste estado. Em tal caso pois não he a combustão do fosforo e á sua mudança em acido fosforico , que , segundo a theoria do autor , deva attribuir-se a cura desta febre.

Tal.

Talvez se dirá que seria mais simples dar o acido fosforico, e que o fosforo empregado, longe de produzir o oxygeneo, devia combinar-se com o oxygeneo dos fluidos com que teve contacto? A esta dúvida respondendo que attribuo a cura da dita febre á separação do oxygeneo; e que ha casos, a meu entender, em que esta separação pode effectuar-se dando-se substancias muito combustiveis, e por tanto facilmente acidificaveis. (Muito tempo ha que os Ingleses começam a usar do fosforo como medicamento incitativo, nós usamos, na epilepsia, na mania, na estiguidade, nas febres asthenicas, já desfeito em oleo fixo, já em amendoada, e sobretudo no ether: os Francezes e Italianos tem igualmente usado d'elle com feliz successo; sendo dignas de ler-se as obras, que em 1811 publicou o D.^o Martineli, a memoria que vem entre as da sociedade da emulação de Paris, e o Jornal de Coimbra do mez de Abril o seguintes de 1812).

(6) *Carphologia* ou *Carpologia* certo movimento das mãos, com que alguns enfermos, especialmente os moribundos, parece que arrancam com os dedos o cotão dos cobertores e dos vestidos, apanham folhas e pennas, e caçam moscas. Este movimento,

to, que muitos autores olharam como convulsivo, he mais effeito da illusão da vista, que começa a turvar-se e extinguir-se. Cumpre que eu advirta que, observando este movimento em enfermidades, que não mostravam perigo, sempre me assustou em quanto não descubri que em hum enfermo era effeito do costume de rezar por contas, e n'uma enferma de tirar ou fazer nos para feridas e chagas.

(7) Não he novo o uso do acido muriatico ou marinho, como remedio prestante nas febres e n'outras enfermidades. Já *Gluker* se empenhou em introduzillo na practica medica, e com exaggeração tal das suas virtudes, que não foi acreditado. Todavia, reputado constantemente este acido pelo mais fraco dos acidos mineraes, dello se tem usado internamente, 1.º enfraquecido com agua, já como optimo refrigerante ou antilogistico, já como incitativo, roborante, antiseptico, &c.; 2.º misturado e destillado com o alcohol a que se chamava, espirito de sal doce, ether marinho sem embargo de existir sempre o mesmo acido, mais ou menos enfraquecido: era tambem mui louvada a tinctura antefebrial de *Clutton*, em que, alem do acido vitriolico ou sulfurico entra o acido marinho, o alcohol,

hol, &c., cuja composição se pôde ver na minha Farmacopéa Lisbonense. Lembro-me de que meus mestres os Senhores Doutores Antonio José Pereira, Antonio José Francisco de Aguiar, Lentes de medicina prática na Universidade de Coimbra, faziam largo uso desta tinctura nas febres, e que aproveitava aos enfermos. Este acido misturado com o vinho constituia noutro tempo o famoso segredo do prior de *Cabrières*. Foi notavel o prestimo do mesmo acido dado na tinctura aperiente de *Meibomio*, a qual, segundo diz *Hoffmann*, he huma solução do sal marinho ou muriato de soda com excesso do seu acido, e que *Cullen* suppria dissolvendo meia onça do dito sal em quatro onças de agua, a que ajuntava duas oitavas do acido marinho ou muriatico fortissimo, e desta mistura dava huma ou duas colherinhas em hum copo de agua para augmentar o appetite e suspender os vomitos. A potente virtude deste acido reduzido a vapores para corregir os lugares inficionados, e destruir os miasmas e effluvios malignos, contagiosos, de que se originam as febres malignas, he assaz conhecida, sendo preferivel o acido muriatico oxygenado, até nas enfermidades gallicas. Não fallo nas suas virtudes bem conhecidas, applicado externamente: nem na utilidade que dello se co-

lhe botado na agua que se bebe a bordo das embarcações, e que se pôde ler no *Treatato da saúde dos povos* do D.^o Sanchez; o qual fundado nos experimentos do D.^o Adlington (*An essay on the scurvy London 1753*), afirma ser o acido muriatico ou espirito de sal o mais seguro remedio, e tambem o mais facil, deitando-se duas ate tres gottas d'elle em cada canada de agua, ou humma onça a cada doze almudes, e quando se não usar desta precaução com a agua fresca, se podera usar da mesma quantidade de espirito de sal quando apodrecer no mar, e conforme a maior, ou menor corrupção se podera augmentar a quantidade do dito espirito.

Se nos portos do mar (diz o D.^o Sanchez) houvesse tal providencia, que se achasse espirito de sal ordinario em abundancia, cada qual com hum frasquinho de crystal, que levasse de quatro até seis onças, com tampo da mesma materia, e humma caixi-
nha de pão, teria com que corregir toda a agua que bebesse pelo espaço de seis mezes, mettendo a cada quartilho duas ou tres gottas, mais ou menos, conforme fosse necessario para emendar o mau cheiro, e a podridão desta bebida; e se ao mesmo temo o deitasse humma colher de aguardente, a mesma agua ficaria humma bebida leve-
mens.

mente azeda e com vigor, e gosto agradável, e serviria de remédio a todas as queixas, que sobreveem no mar. — O espirito de sal he o soberano remédio para corrigir, e emendar a podridão dos navios, &c.

(8) O nome de *agua forte*, que geralmente se dava ao acido nítrico ou espirito de nitro, e a sua qualidade corrosiva, foram sem dúvida o motivo de não usarse del-
le muito tempo como remédio. O que, se-
gundo *Cullen*, foi hum erro, por quanto
este acido convenientemente enfraquecido com
agua, pode empregar-se com segurança, e
goza de todos os poderes e virtudes dos
acidos em geral. Temos hum exemplo do
seu uso no *nitrum nitratum* de Boerhaave,
no qual existe maior quantidade do acido
que a necessaria para a saturação do alcali
vegetal ou potassa, e de que o mesmo
Cullen fez frequente uso como remédio re-
frigerante agradável. Porém, depois que se
perdeo o horror á sua qualidade corrosiva,
e se vio que esta se podia corrigir, ado-
çar, e destruir, começou-se a usar delle,
misturado com agua e assucar, já como ef-
ficaz remédio refrigerante, já como incu-
tivo, roborante e antiseptico nas febres vul-
garmente chamadas *podricas* ou *malignas*, e
n'ous.

encontras muitas doenças. A agua azedada com o acido nitrico diluido, diz o Dr. Roberto Graves, (*a conspectus of the London, Edinburgh, and Dublin pharmacopaeias*), he huma das optimas bebidas antillogisticas e antisepticas nas enfermidades febris e notissimas, em que o seu uso tem muitas vezes produzido notavel utilidade. Cumpre advertir aqui que ha quarenta e quatro annos, eu mesmo tomei o dito acido com agua e assucar, em vez de limonadas, nas viagens que fiz de mar, nos dias calmosos, e que sempre o tenho dado nas enfermidades febris, em doenças de pelle e gallicas, tendo allem conhecido por observação, ser mais energico e proveitoso no clima quente e humido do Bahia. Em summa, he este acido muito recomendado pelos medicos e cirurgiões inglezes nas referidas febres, na *lepra chronica*, e com especialidade nas doenças gaticas, como se póde ver em *breaches, a collection of testimonies respecting the treatment of the venereal disease by nitrous acid*. O mesmo acido reduzido a vapores desinficou os lugares inficionados de exalações e particulas podres, malignas e pestilenciaes, e ha autores que o preferem ao acido marinho ou muriatico.

(2) O acido fosforico, reputado por afrodisiaco ou incitativo venereo, he recomen-

mentado por *Lentin* na etiguidade purulenta; e delle se usa como incitativo e antiseptico, e como refrigerante. Veja-se o *Jornal de Coimbra*, mez de Maio de 1812.

(10) Certo que nenhum medico confiou ainda ou confiará unicamente na virtude dos acidos vegetaes, quer nativos, quer artificiaes, para sanear *febres hum pouco graves*; e todavia não pôde entrar em dúvida a sua salubridade já como alimento, já como remedio refrigerante, já como brando incitativo, antiseptico, util nas febres esthenicas e asthenicas, na dysenteria, no escorbuto, &c. A sua utilidade estriba na experiencia de todos os seculos, e na constante observação dos practicos, que delles tem usado, misturados com agua e assucar, por bebida ordinaria, sempre que o calor do corpo he preternatural. A extraordinaria abundancia, que ha dos mesmos acidos, isto he, das fructas, que os contem, nos paizes e nas estações quentes, comprova a dita utilidade nas referidas doenças, e a providencia da natureza, a qual onde dá o mal, dá logo a mezinha. Não obsta ao seu uso o hydrogenio e o carbonio de que elles constam, porque tambem existe nelles o oxygeneo, e quando a virtude de hum remedio he appoiada na verdadeira observação;

ção, frustraneos são os argumentos de subtilisadores de theorias. Demais se estes acidos não convêm em razão dos ditos principios; porque determina que se ajunte aos acidos mineraes substancias espirituosas como o alcohol, &c. que abundam de hydrogeneo e de carbonio? Lembro-me de ler a dissertação da febre podre de *Knutz*, medico inglez, na qual, depois de recomendar muito o acido vitriolico ou sulfurico diluido, asseverava que se curava mais facilmente se os inglezes possuissem os limões, que os portuguezes possuem. As virtudes do sumo de limão, poderoso e agradável antiseptico, crescem muito, ciz o *Dr. Wright*, saturando-o de sal commun ou muriato de soda, e recommenda esta mistura, como medicamento efficacissimo, na dysenteria, na febre remittente, na colica, na escorrenencia, e quasi especifico na diabetes e na henteria. He porém de notar que nos acidos nativos existe certa materia fermentavel, a qual, sendo recebida no estomago com inclinação para a acescencia, o acido padeece certa fermentação acompanhada de flatulencia, de maior azedume e de outros symptomas da dyspepsia ou indigestão, sem que todavia se diminua a sua virtude refrigerante, ou resulte grande mal ao systema, afora nos casos de gota, ou do

pedra nos rins, em que a diminuição do vigor do estomago pôde ser nociva. Ao ponto em virtude desta inclinação acrescente do estomago, sendo o azedume maior, e talvez de hum natureza singular, unindo-se com a cholera ou mais depressa com a sua soda ou alcali mineral, pôde formar hum sal purgativo, o qual, ajudado daquelle materia verde, resinosa, que ficou soita, mediante esta nova união, occasiona a menor ou maior diarreia e as dores de tripas, que algumas vezes acompanham a operação purgativa. Estes inconvenientes podem remedeam-se quasi sempre ajuntando aos mesmos acidos certa quantidade de qualquer licor espirituoso ou aguardente, o que constitue o ponche optimo incitativo. Finalmente a respeito dos acidos vegetaes quer fermentados, quer nativos e dos fructos, não posso dispensar-me de transcrever aqui o que diz o citado Sanches, a saber, a provisão de vinagre em hum exercito havia de ser tão consideravel, que iguallasse á da farinha, azeite, e sal. He erro dizer-se que o vinagre he o vinho podre, ou corrupto. O vinagre não he mais que o mesmo vinho fermentado huma vez mais. — He erro introduzido vulgarmente nos medicos, ignorantes da quimica, o dizerem que o vinagre coalha o sangue: pelo contra-

ria-

trario o dissolve : o vinagre misturado com o vinho , ou alguma porção de aguardente , ou só , ou desfeito na agua , he o mais universal , e soberano remedio em todos os males , que tratam os cirurgiões ; nas feridas , fracturas , deslocações , fluxos de sangue , herpes , &c ; interiormente resiste á podridão do fel , e dos mais humores ; he sudorifico , principalmente misturado com alcanfor. — Os exercitos Romanos usavam do vinagre , misturado com agua , por bebida ordinaria que chamavam *Posca*. *Pescennius Niger* Imperador o ordenou assim por lei militar , como refere *Spartiano*. Deveria o Soldado levar com si nas marchas hum frasco de vinagre como leva ordinariamente outro com agua : lhe serviria para refrescar-se , e corrigir as aguas ás vezes encharcadas , e impuras , que he obrigado beber por todo o tempo da campanha , e alem de ser tao util , e necessario para a bebida , lhe serviria tambem de alimento. — Bem me parece ser superfluo indicar as virtudes dos limões , e laranjas azedas aos Portuguezes intelligentes : todos sabem o soberano remedio , que são contra as molestias do mar , e quanto resistem á podridão dos humores. — Eu não conheço remedio mais excellente na cura de todas as febres , como são os limões azedos : parece que a

Sum-

Summa Providencia fez tão abundantes del-
 las todas as terras meridionaes, e entre os
 tropicos, com tal maravilha, que tanto mais
 o clima he ardente, mais azeda he esta
 fructa: o seu azedo tem he a excellencia,
 que não se acha nem no vinagre, nem
 nos tamarindos, nem em algum espirito mi-
 neral destillado, como são os de vitriolo,
 de sal, e de enxofre; consiste pois em que
 ao mesmo tempo he aromatico: no limão
 existe hum oleo aromatico penetrante, mais
 na casca que no sumo, o qual he junta-
 mente azedo; estas duas propriedades uni-
 das refrescam, e emendam a podridão dos
 nossos humores, e provêm a transpiração
 e a evacuação das urinas. — Destes sumos,
 isto he, espessos para se conservarem, diz
 o mesmo Sanchez, se poderiam fazer excel-
 lentes bebidas contra as febres, camaras,
 desmaios, ictericias com febre, desfeitos em
 agua com assucar, e huma leve porção de
 aguardente, de tal modo, que a bebida fi-
 casse agro-doce, com o gosto de aguarden-
 te: serviria tambem para corrigir a podri-
 dão da agua, misturando ao mesmo tempo
 algumas gottas de aguardente: seria a mais
 saudavel bebida sobre o mar, e a mais sa-
 lutifera contra todas as doenças, que se ex-
 perimentam navegando, principalmente entre
 os tropicos.

Ain-

(11) Ainda quando a minuciosa analyse da quina, feita por *Fourcroy*, na qual o Doutor *Reich* pretende escorar tambem a sua theoria do oxygeneo, não apresentasse productos manifestamente formados pela reacção dos principios, durante a mesma analyse, ou pela accção dos reactivos; e que na quina existisse essa copia de oxygeneo, que o Doutor *Reich* suppõe, está no estado de combinação com os mesmos principios, que, a seu entender, obstem á virtude do oxygeneo, a saber, o hydrogeneo e o carbonio, que entram na composição dos acidos carbonico, oxalico, citrico, malico, acetoso, que *Fourcroy* tirou da quina, alem do carbonio e do sulfato e muriato de potassa. Muito embora attribuiam *Reich* a virtude da quina e de outras cascas ao oxygeneo existente nellas na razão directa da sua densidade, *Westring* ao tan, *Seguin* a gelatina, *Deschamps* ao cinchonato de cal, *Duncan* ao cinchonio; eu attribuir constantemente a poderosa virtude incitativa permanente da quina á combinação de todos os seus principios constitutivos proximos, em quanto não houverem observações, que mostrem que, dados separadamente, a sua accção he mais energica que a da quina em pó, ou daquellas suas preparações, que encerram maior numero des.

destes principios. Os feitos ou as observações verdadeiras e os experimentos são os apoios firmes e seguros em que deve estabelecer a virtude de hum medicamento, e não os raciocínios illusorios e as analyses quimicas, que de ordinario são bases ruinosas das suas virtudes e outros tantos motivos do erro. Com effeito não conhecemos melhor as virtudes da quina depois da minuciosa e torçada analyse que fez della *Faurrey*, e das que fizeram *Mirabelli*, *Cadet*, *Maton*, *Vauquelin*, *Duncan* e outros do que sem ellas conheceram *Morton*, *Torti*, *Werthof*. A quina diz *J. Murray*, tem sido muitas vezes analysada, mas os seus principios constitutivos proximos não estão ategora bem determinados *Cinchona has often subjected to chemical examination, but its constituent proximate principles are still not Well determinct.*

(12) Tendo o autor no §. LXVIII. desapprovado os acidos vegetaes por contem hydrogeneo e carbonio, neste diz que se as circumstancias exigirem, pode ajuntar-se aos acidos mineraes algumas oitavas de qualquer substancia espirituosa ou irritante, a saber, de aguardente ou espirito de vinho, de aguardente de canna, cachaca, genebra, &c., cuja base he o alcohol,
que

que consta de hydrogeneo e de carbonio, e aquella quantidade de oxygeno, que forma a agua, que na sua composição entra. Em suama não ha substancia alguma irritante sem hydrogeneo e carbonio.

(13) O uso dos aréometros, que mostram o pezo especifico dos líquidos e determinar a sua força, he tão conhecido e frequente em franca e inglaterra como desconhecido e raro em oitavia ou nunca practicado entre os nossos boticarios: assique essa força constante que o autor consideradamente requer nos acidos, para a exacção dos resultados, a não poderemos conseguir dos boticarios, variando per tanto os acidos, na sua força e pureza. He sabido que o acido nítrico ou nítrico, que se les vendem, está sempre inquinado do acido mariano ou muriatico e do sulfurico ou vitolico, e não se contentam com purificallo. Não ha muito tempo que, receitando eu o acido mariano ou muriatico para alguns termos, vim a saber que tomavam o nítrico, o qual he muito mais activo e forte que aquelle: este engano ou ignorancia dos boticarios poderia prejudicar se eu tivesse determinado certa dose do acido, e não costumasse fazer azedar com elle humma determinada quantidade de agua com assucar

car até ficar huma bebida agri-doce; e se por ventura as virtudes dos ácidos mineraes não fossem semelhantes. Em consequencia da referida falta do conhecimento e uso dos aréometros não se pode jamais conseguir que o alcohol, o espirito de vinho ou aguardente, &c, em que se fazem as tinturas e outras preparações, tenham aquelle gráo de força, que se requer, segundo os principios e a natureza dos ingredientes.

(14) Muito tempo ha que se usa dos ácidos na tísica, especialmente do ácido vi-
triolico ou sulfurico, misturado com as substancias espirituosas, que o autor aqui aponta em contradicção do que disse no §. LXVIII. O elixir de vitriolo ácido de *Mynsicht*, publicado com encomios, tem sido geralmente recebido na practica dos melhores medicos: *Antonio de Haen* o deu algumas vezes com fructo por muitos annos na tísica, e hoje se dá ainda na mesma molestia, na etiguidade purulenta, mormente quando os suores são copiosos, ou só em agua, ou misturado com a quina. *Cullen* porém prefere o ácido sulfurico diluido a este elixir, asseverando que não pode conhecer neste primazia em razão dos aromaticos: eu, sem embargo de notar na mi-
nha

na pharmacopéa lisbonense as imperfeições desta preparação, ainda não deixei de fazer uso d'elle naquellas e noutras enfermidades, attendendo unicamente ao acido, que os enfermos de boa mente, e sem temor tomam.

(15) Verdade he que nem os antigos medicos, nem os modernos davam o acido vitriolico ou sulfurico nas febres com mão tão larga como o *Dr. Keck*, mas tambem não eram mesquinhos na quantidade. Confiavam sobre maneira nas suas virtudes, e o misturavam com agua, cozimentos, ou xarope, e assim usavam d'elle ja como remedio refrigerante e antillogistico, ja como medicamento incitativo, roborante, adstringente, antiseptico, &c. nas febres, hemorragias, sarna, e noutras enfermidades. Este acido era a ancora medicinal de *Sydenham* nas bexigas, e tambem de *Tissot*. O prudente practico *Quarin* recorre muitas vezes a elle e o dá com mão larga em varias doencas. Verdade he tambem que nenhum medico conta somente nas suas virtudes para curar as enfermidades, e que ao mesmo tempo recorrem a outros remedios reputados por igualmente ou mais efficazes, mas quem jamais em huma molestia grave ousará pôr a sua esperanza em hum

o remedio? Nem o autor, que tanto exaggera as virtudes dos acidos, confia nellos, pois recommenda que se lhe ajunte outras substancias quando as circunstancias exigirem, ou se use de outros remedios, como purgas, vomitorios, &c. Lembro-me ao ponto de ouvir a hum estudante de Coimbra, que seu mestre, lente de practica na universidade, pretendendo refutar a doutrina de *Boerhaave*, que alli começava a conhecer-se, o mostrar que os acidos eram capazes de curar as febres podres ou *typhus*. Escollera para exemplo hum enfermo accommettido de *typhus*, e começou a tratallo somente com o acido sulfurico ou vitriolico atéque alim morreo. Que immitavel exemplo!

(16) Pelo contrario todos ignoram essa supposta riqueza de oxygeno no alcohol, na aguardente, &c. e sabem que estas substancias constam de muito hydrogeno e carbonio, e que não contém mais oxygeno do que aquelle que entra na composição da agua, que anda sempre misturada com as ditas substancias. Parecia que constando a agua de 0,85 de oxygeno e 0,15 de hydrogeno, e por conseguinte, contendo maior quantidade daquelle do que qualquer dos acidos mineraes, devia ser mais efficaz e

energica nas febres do que os mesmos acidos, mas como estes sômente se dão em agua, nesta mistura se dá o oxygenio de todos os ingredientes.

F I M,